

NOVI ET ETERNI TESTAMENTI: UM OLHAR BÍBLICO-DOG MÁTICO SOBRE A MISSA

NOVI ET ETERNI TESTAMENTI: A BIBLICAL- DOG MATIC APPROACH OF THE MASS

Michel Schellin Canez

Graduado em Filosofia e graduando em Teologia pela Universidade Católica de Pelotas.

E-mail: michelscañez@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo tem por escopo apresentar o caráter sacrificial da Missa, e para tanto foi analisado o texto da instituição da Páscoa no capítulo 12 de Êxodo, o qual apresenta a imagem do cordeiro imolado que afasta a morte e prepara a libertação do hebreus da casa da escravidão e, num segundo momento, passa-se a uma pesquisa pelas narrativas da instituição da Nova Aliança na última ceia de Jesus Cristo com o Apóstolos, bem como do relato da Paixão, pelo qual Nosso Senhor, o Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo e realiza a obra da redenção, libertando o homens da servidão do pecado. Por último, o olhar volta-se para alguns documentos do magistério eclesiástico contemporâneo para levantar elementos doutrinários e dogmáticos acerca da Missa e de como se dá essa atualização do sacrifício da cruz através da ação da Igreja, Corpo Místico de Cristo.

PALAVRAS-CHAVE:

Cordeiro Pascal. Sacrifício. Eucaristia. Êxodo. Mistério Pascal.

ABSTRACT:

This article intends to demonstrate the sacrificial character of Mass, as seen on Exodus's chapter 12 and it's depiction of the establishment of Easter, in which it's seen the image of the immolated lamb who keeps death at bay and prepares the liberation of the hebrew from the house of slavery. It also analyses, with the same objective, the texts regarding the formation of the New Alliance in the Last Supper that Jesus shared with the Apostles and the narrative of the Passion, by which Our Lord, the Lamb of God who takes away the sin of the world, completed the work of redemption and freed men from the servitude of sin. Lastly, we turn our gaze towards some contemporary ecclesial magistry's documents, where we intended to find doctrinary and dogmatic elements regarding the Mass and how the actualization of the Cross's sacrifice takes place through the actions of the Church, Mystic Body of Christ.

KEYWORDS:

Paschal Lamb. Sacrifice. Eucharist. Dogma. Paschal Mystery.

1 INTRODUÇÃO

Desde o início da nossa era, a Igreja cumpre fielmente o mandato dado por Jesus Cristo Nosso Senhor na Última Ceia aos seus Apóstolos, ou seja, de realizar em sua memória aquilo que aconteceria na sua Paixão, Morte e Ressurreição. Essa memória não se trata somente de lembrar acontecimentos passados simplesmente, mas de atualizar, tornando presente o fato ocorrido, e é na Santa Missa que a Igreja faz essa memória e atualização do mistério pascal do Senhor. Nos tempos atuais é possível perceber que existe uma compreensão deficitária acerca da Missa enquanto renovação do sacrifício redentor de Cristo, sendo esta reduzida a um momento de fraternal encontro entre os fiéis (embora a Missa também seja um banquete, como afirma o Catecismo da Igreja Católica, porém, é antes de tudo a renovação do sacrifício de Jesus), acarretando numa perda de sentido acerca do Mistério Pascal celebrado; a Missa enquanto encontro fraterno é uma consequência do Povo de Deus reunido para participar da celebração, e não o mais importante.

Assim sendo, o presente artigo tem por objetivo dissertar acerca da dimensão sacrificial da Missa, olhando para a mesma enquanto atualização do sacrifício redentor de Jesus Cristo na cruz. Para tanto, será necessário lançar um olhar sobre a Páscoa judaica, ocasião na qual Nosso Senhor dá o mandato e, no dia seguinte, é morto na cruz. Nesse sentido, a Páscoa do Êxodo 12 apresenta a imagem do cordeiro sem defeito sacrificado antes da libertação do povo hebreu do Egito. Num segundo momento, pretende-se analisar a narrativa do Evangelhos sobre a instituição da Eucaristia e da Crucificação, estabelecendo a relação entre o cordeiro da Páscoa judaica e o Cordeiro de Deus. E num terceiro momento, adentrar na questão mais dogmática acerca da Missa, percorrendo alguns documentos emanados do Magistério da Igreja, tais como o Catecismo da Igreja Católica, Instrução Geral do Missal Romano, a constituição Sacrosanctum Concilium. Deste modo, o artigo consistirá numa análise bíblica-dogmática, empregando

para consecução do objetivo a pesquisa bibliográfica.

2 A PÁScoa DO ÊxODO

De início se poderia perguntar qual a relevância de adentrar na imagem da Páscoa da libertação do Egito e qual seria a relação com a vida de Jesus Cristo e, mais especificamente, com sua paixão, morte e ressurreição. Não poucas vezes aparecem nos evangelhos a figura do cordeiro contida no texto de Êxodo 12; Nosso Senhor é reconhecido e tido como o cordeiro de Deus. Partindo dessa relação entre o cordeiro relatado no texto exodal e de Cristo Senhor, cabe agora adentrar nos capítulos da instituição Páscoa, dos elementos tomados por Jesus e ressignificados no Mistério Pascal. Todavia, antes de se abordar estritamente tais elementos, faz-se mister compreender o que é o sacrifício para a religião judaica, para então especular a respeito do cordeiro imolado em sacrifício na instituição da Páscoa.

O sacrifício é o ato de adoração central da religião israelita, tendo formas diferentes ao longo da história, e suas prescrições se encontram no livro do Levítico, havendo alguns tipos de sacrifícios, como por exemplo: de holocausto, de comunhão, de expiação pelos pecados e pelas culpas. Naturalmente, surge a pergunta: por que os israelitas ofereceram sacrifícios a seu Deus? Surgiram algumas teorias a respeito do assunto em xeque, onde uns autores defendiam a ideia de que seria uma dádiva para reconciliação com um Deus cruel e exigente, ou como um contrato bilateral no qual se ofereciam presentes à divindade, e esta agia em favor do povo (ambas teorias aparecem como estranhas a concepção israelita pelo fato de Deus precisar de alguma oferta ou presente dos homens); outra teoria trata o sacrifício como algo mágico para se entrar em contato com Deus, pelo qual o ofertante comia a vítima para se unir à divindade (supondo que os israelitas tivessem herdado elementos totemistas da Arábia); outra ainda seria de que a união entre o sacrificador e Deus se dava pela imolação de uma vítima que representava-o e o substituíva, e o derramamento do sangue na base do altar

significava essa união vital. Contudo, estas teorias não expressam a verdadeira concepção israelita do sacrifício (LÉON-DUFOUR, 1972, p. 933; NCBSJ 76: 66; 88-91).

A significação do ato sacrificial só é bem entendida à luz da própria concepção do povo de Israel acerca de Deus. Ora, pela revelação, Israel percebeu seu Deus como único, onipotente, transcendente, totalmente autossuficiente e pessoal; e por causa deste último atributo, exigia de seu povo eleito uma resposta, também pessoal. Dessa concepção de Deus pessoal que se relaciona com o homem, o sacrifício se deduz como o ato exterior de uma atitude pessoal interior, afastando quaisquer formalismos religiosos vazios ou gestos mecânicos. Entendida a aceção do sacrifício para Israel em seu sentido lato, é mister explicar o tríplice significado a ele atribuído: de oblação, de meio para unir-se a Deus, e de expiação; não são atos distintos, mas dimensões de um mesmo ato sacrificial (NCBSJ 76: 92).

Na oblação ou presente mediante o ato sacrificial, antes de tudo, os ofertantes reconheciam o domínio da divindade sobre tudo, porque Ele é o criador e doador, e ao ofertar a oblação reconheciam simbolicamente esse direito e senhorio de Deus sobretudo, adquirindo deste modo o direito de usufruir dos bens para suas necessidades e propósitos, ainda sob a tutela de Deus; por serem ofertadas matérias-primas relacionadas à sobrevivência (carne e vegetais), o oferente representava-se nelas significando sua entrega e rendimento a Deus, e este, por sua vez, ao aceitar a oferta, se unia, aliava, de certa forma, com a pessoa. O desejo de união com Deus subjacente ao sacrifício expressava a comunhão com Deus, sempre conscientes da transcendência espiritual d'Ele. Tendo aceito a vítima, os ofertantes consumiam o restante em uma refeição sacrificial, significando essa união espiritual, bem como estabelecendo e consolidando a aliança firmada entre lahweh e seus adoradores. Por último, a expiação simbolizava, mediante a oferta da vítima, a autonegação e o restabelecimento ou conservação das relações de amizade que haviam sido rompidas (LÉON-DUFOUR, 1972, p.

933-934; HANN, 2014, p. 35; NCBSJ 76: 93-94).

Feito este preâmbulo tangente a compreensão de Israel sobre o sacrifício, passar-se-á a uma abordagem sobre a instituição da Páscoa judaica, realizada nas vésperas da libertação do povo hebreu do Egito. É a mais solene e importante festa do calendário civil e litúrgico que marcará a história de Israel para sempre, porque recorda a ação de lahweh, retirando os hebreus da casa da escravidão para lhes conduzir para terra prometida, onde o evento fundante é narrado no relato do capítulo 12 do Êxodo. Todavia, tal celebração possui antecedentes de festas já existentes e sendo distinta da festa dos ázimos, também encontrada nos capítulos em questão, mas que são ressignificadas pelos judeus mediante a revelação de Deus. A Páscoa (em hebraico "pesah", sendo traduzida por passagem, saltar) era inicialmente uma festa de povos nômades, de caráter pastoril, e a festa dos ázimos estava relacionada a agricultura sedentária, mais especificamente, com o cultivo da cevada, e pelo fato das duas ocorrerem na primeira lua cheia da primavera foram unificadas (dia 14 do mês de Nisán -calendário pós-exílio- ou Abib -calendário antigo) (BIBLIA COMENTADA, 1967, p. 442; BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 121; RAVASI, 1985, p. 57-58; VAN DER BORN, 1971, p. 1130).

O capítulo 12 do Êxodo possui três tradições redacionais interligadas, com uma predominância da tradição sacerdotal (característica pelos relatos litúrgico-sacral), e inserções de caráter javista (leitura dos ritos sob a ótica histórico-teológica). Contudo, não é objetivo do texto realizar uma exegese das perícopes referentes a Páscoa, mas abordar a imagem do cordeiro, pela qual a tradição cristã viu uma prefiguração do sacrifício de Jesus Cristo na cruz; pode-se, ainda, recordar a figura do Servo sofredor de lahweh em Isaías 53, 7, comparado a um cordeiro levado ao matadouro para expiar os pecados, profecia que remete ao Cristo Senhor (RAVASI, 1985, p. 58; WESTERMANN, 1987, p. 43-44).

Em Ex 12, 1-14 o relato de como deveria ser celebrada a páscoa: imolação do cordeiro

(ou bode), pães ázimos, ervas amargas. O centro aqui é o sacrifício do cordeiro (macho, sem defeito, de um ano), na sua relação com a décima praga, a morte dos primogênitos, derradeiro sinal para libertar o povo hebreu do jugo egípcio. A prescrição dada por Deus de tomar o animal por família, segundo o número de comensais, e o sacrifício e refeição a ser realizado em assembleia é realizado com vista proteger os judeus do extermínio que cairia sobre todo o Egito; o sangue é posto sobre os marcos das portas para afastar a morte daqueles que imolaram e comeram a Páscoa (v. 13.23). A etimologia da palavra Páscoa (em hebraico *pesah*, e que posteriormente transformou-se no vocábulo grego e latino *pascha*) é um tanto obscura, mas o significado mais plausível e aceito pelos biblistas é de “saltar” “passar do outro lado”, “passar ao largo”, como se pode conferir em Ex 12, 27: “É o sacrifício da Páscoa de lahweh que passou adiante das casas dos filhos de Israel no Egito”. Esse significado foi produto da leitura da tradição ao ler o sacrifício do cordeiro com o relato da morte dos primogênitos, e tal significado encontrará eco na tradição cristã, onde a festa da Páscoa será a passagem da morte para a vida e a libertação do pecado (BIBLIA COMENTADA, 1967, p. 442; BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, 122-123; SPREAFICO, 1995, p. 84-85).

Outro conceito ligado a Páscoa judia é o de memorial (em hebraico *zikkaron*), como se vê em Ex 12, 14.17.24; um decreto perpétuo a ser passado às gerações vindouras lembrando o grande feito de lahweh, quando arrancou da escravidão para os conduzir a terra prometida. Ao ler-se no texto em questão a palavra “memorial” ela pode ser mal-entendida, dado o significado atribuído a ela no tempo presente, e para tanto é mister demorar-se mais para compreender a significação e o peso no contexto bíblico. Para os judeus o memorial não é somente uma recordação intelectual de fatos passados, daquilo que Deus operou na história de Israel, nem tampouco uma repetição/encenação de como foi a noite pascal; o memorial da Páscoa judaica é uma celebração e atualização da salvação; ao rememorar na celebração pascal,

Deus realiza a salvação para o seu povo. Memorial tem uma tridimensionalidade: 1) evoca o passado histórico do êxodo do Egito; 2) sendo quase um sinal sacramental no tempo presente que reproduz a fidelidade de lahweh para as gerações; e 3) uma dimensão escatológica da nova e definitiva vinda do Senhor (RAVASI, 1985, p. 62; SPREAFICO, 1995, p.85).

Em sua vida terrena, Jesus Cristo subiu à Jerusalém para celebrar Páscoa judaica desde sua infância até a sua paixão, morte e ressurreição, conforme é atestado pelos Evangelhos (Lc 2, 41; Jo 2,13), e é dentro da última ceia com os seus discípulos que entrega o sacramento de seu Corpo e Sangue aos Apóstolos. Ele não somente celebra a libertação dos hebreus do Egito, mas ressignifica toda celebração segundo sua existência, em estreita ligação entre a libertação da Páscoa e aquilo que aconteceria nos dias seguintes. Ao proferir a bênção sobre o pão e o vinho dá novo significado, estreitamente unido a sua paixão e morte, e deixa em forma de memorial o gesto realizado para que os Apóstolos o repitam em sua memória. O que era memorial de uma liberdade física, da soltura da escravidão, passa-se agora a Páscoa do Senhor, da morte para vida, do pecado para graça (BÍBLIA COMENTADA, 1967, p. 443; HANN, 2014, p.37-38; SPREAFICO, 1995, p. 86-87; VAN DEN BORN, 1971, p. 299).

3 JESUS CRISTO, O CORDEIRO DE DEUS

São Tomás de Aquino interrogando-se a respeito da relação entre o cordeiro pascal e o sacramento da Eucaristia conclui o seguinte:

Três coisas podemos considerar neste sacramento, a saber: o que é só sacramento — o pão e o vinho; o que é realidade e sacramento — o verdadeiro corpo de Cristo; e o que é só realidade - o efeito deste sacramento. - Quanto, pois, ao que é só sacramento, a principalíssima figura dele foi a oblação de Melquisedeque, que ofereceu o pão e o vinho. - Quando o Cristo padecente, que está contido neste sacramento, figura dele foram todos os sacrifícios do Testamento Velho; e sobretudo o sacramento da expiação, que era

soleníssimo. - Quanto enfim ao efeito, a sua principal figura foi o maná, que tinha em si a suavidade de todo o saber no dizer da Escritura, assim como a graça deste sacramento nos fortalece a alma para tudo. Mas o cordeiro pascal prefigurava a Eucaristia nos seus três elementos referidos. - Quanto ao primeiro, porque era comido com os pães asmos, segundo a Escritura: Comerão a carne e pães asmos. - Quanto ao segundo, porque era imolado por toda a multidão dos filhos de Israel na décima quarta lua; o que era a figura da paixão de Cristo, chamado cordeiro, por causa da sua inocência. — Quanto enfim ao efeito, porque pelo sangue do cordeiro pascal os filhos de Israel foram protegidos contra o anjo devastador, e tirados da escravidão do Egito (S. Th. III, q. 73, a. 6).

Considerados os elementos anteriormente descritos e da relação existente entre o cordeiro pascal enquanto figura do sacrifício de Nosso Senhor, da nova e eterna Aliança, instituída na Última Ceia com seus Apóstolos, bem como a explicação dada pelo Doutor Angélico, nas linhas que se seguem, passar-se-á a considerar a dimensão neo-testamentária e litúrgica da celebração da Missa. A Eucaristia, presença real e substancial de Jesus Cristo, foi instituída na Última Ceia com seus apóstolos, conforme é descrito pelos evangelistas e São Paulo, embora os exegetas advirtam para não serem tomados de maneira fundamentalista.

Antes de se adentrar na celebração litúrgica da Igreja primitiva, a qual tem como modelo a Última Ceia de Jesus com seus discípulos, faz-se necessário compreender alguns elementos constitutivos das celebrações no Templo de Jerusalém e nas sinagogas, bem como a celebração da Páscoa judaica. Analisando o Novo Testamento, é possível notar que há quatro passagens referentes à Instituição da Eucaristia, sendo três delas encontradas nos Evangelhos (Mateus 26, 26-28; Marcos 14, 22-24; Lucas 22, 19-20) e uma proveniente de São Paulo (1 Coríntios 11, 24-26). Embora existam alguns pormenores existentes entre eles, como por exemplo a ordem da bênção do cálice com vinho e do pão, não serão abordados nesta

pesquisa (RIGHETTI, 1956, p. 3-4; SARTORE, 1992, p. 395).

Observando estes quatro relatos citados anteriormente, pode-se ver que Jesus Cristo celebrou naquela noite de Quinta-feira a Páscoa judaica, acrescentando novos ritos e dando outro significado aos tradicionais ritos do pão e do vinho. A ceia pascal judaica era celebrada fazendo memória dos acontecimentos marcantes da saída do povo judeu do Egito, na qual se comia pães, ervas amargas, um cordeiro assado e bebia-se vinho.

Inicialmente, na ceia, bebia-se duas taças de vinho, intercaladas com uma apresentação do pão como dado por Deus para saciar a fome e para partilhar, após tomava-se uma segunda taça de vinho com a qual se fazia uma memória de tudo o que o povo passou, das dificuldades, da libertação do Egito e da promulgação da Lei (relato pascal entre pai e filho; em hebraico *haggadah*). Terminado isto, o chefe da família tomava o pão partido o abençoava com uma fórmula própria e distribuía aos demais, dando início a ceia propriamente dita ao canto da primeira parte do *Hallel* (salmos 113-114, 1-8). Ao término da ceia, depois de manducar o cordeiro, a ervas e os ázimos, o chefe da família tomava uma terceira taça de vinho, o qual tinha o nome de “cálice da bênção” (*calix benedictiones*), a qual era abençoada com uma fórmula própria de bênção. Por último se abençoava uma quarta taça de vinho, sendo esta a mais importante e significativa, sendo o cálice da Páscoa propriamente dito, o qual significava a esperança messiânica da restauração de Israel, com a recitação do *Hallel* (salmos 115-118). Outras duas orações e era cantado o Salmo 135, o mais importante dos louvores ao Senhor, e a seu término os demais aclamavam com “Amen”. A cerimônia encerrava-se com uma eulogia de ação de graças (JUNGSMANN, 2009, p. 26; RIGHETTI, 1956, p. 5-6; VAN DEN BORN, 1971, p. 261).

Assim como na ceia judaica aconteceu na Última Ceia, onde Nosso Senhor profere as palavras “Este é o meu corpo que é dado por vós”, após tê-lo apresentado com a fórmula própria entre a primeira e a segunda taça de

vinho, para ser distribuído aos seus Apóstolos. O cálice que Jesus Cristo consagrou o vinho como Seu Sangue foi o terceiro, o “cálice da bênção”, visto que este possuía um caráter de ação de graças mais importante, sendo excluído o quarto cálice de vinho, chamado “cálice da consumação”. Ao fim da Ceia, o Senhor deixa o mandamento: “Fazei isto em minha memória” (JUNGMANN, 2009, p. 27; RIGHETTI, 1956, p. 7-8).

Já no século I, vê-se no Novo Testamento relatos sobre a celebração da “fração do pão” no primeiro dia da semana, ou seja, no domingo (Atos dos Apóstolos 2, 42.46; 20, 7.11). Esta fração do pão se dava nas casas (*domus ecclesiae*), em grupos menores que os da sinagoga e do Templo, visto que neste primeiro século ainda os cristãos participavam do culto judaico. Ainda neste período inicial, esta celebração não havia se desvinculado do caráter de refeição, pois a fração do pão acontecia no meio de uma ceia, não igual a da ceia pascal judaica, mas era celebrada com o mesmo temor e ardor de oração. Na *Didaqué*, uma obra cristã deste período, já é retratado as fórmulas utilizadas na consagração do pão e do vinho durante as refeições, bem como uma nomenclatura para esta celebração litúrgica: Eucaristia. Entretanto, São Paulo em 1 Coríntios 11, 17-34 critica veementemente o modo pelo qual se estava encaminhando as celebrações eucarísticas junto das refeições, visto que nelas ocorriam abusos (alguns comiam excessivamente, embriaguez...). Importante é frisar que o ágape, a refeição fraternal junto da Eucaristia, não era totalmente condenado por São Paulo, mas sim aquilo que constituía os abusos na celebração. De qualquer forma, o ágape não durou muito tempo na Igreja, sendo desligado da celebração eucarística, tendo outros dias, locais e horas, não tendo nenhum caráter de obrigatoriedade. Tal separação deu-se por volta do ano 90 e em algumas outras Igrejas, um pouco mais tarde, como se pode perceber pela *Didaqué* (JUNGMANN, 2009, p. 27-30; RIGHETTI, 1956, p. 9-18).

Lançado esse olhar na última ceia e como Cristo Jesus estabeleceu uma Nova

Aliança pascal, não mais rememorando e celebrando o acontecimento de Êxodo 12, mas agora instituindo o memorial de seu sacrifício na cruz: “nossa Páscoa, Cristo, foi imolada” (1Cor 5, 7). Novamente é evocada a imagem do cordeiro no Novo Testamento e este é identificado com Cristo, traçando o paralelo entre o ritual judaico celebrado anualmente no Templo de Jerusalém e a entrega de Nosso Senhor, ou seja, da mesma forma como o cordeiro era sacrificado em ação de graças e para expiação dos pecados, o Verbo Eterno é o “Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (Jo 1, 29.36) - muito patente no evangelho de São João, aludindo pela imagem do cordeiro ao servo de Iahweh: “foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como um cordeiro conduzido ao matadouro” (Is 53, 7); antes, sacrifício do cordeiro pascal era memorial da libertação da escravidão do Egito, agora o Cordeiro de Deus que se entregou na cruz liberta os homens do pecado e da morte eterna. Outro dado de importância capital encontrado no evangelho de São João em 19, 14: “Era o dia da preparação da Páscoa, perto da hora sexta”; é a identificação do Cordeiro santo e imaculado com o início da matança dos cordeiros para Páscoa judaica (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 1985, p. 2036; HAHN, 2014, p. 37-38; VAN DEN BORN, 1971, p. 297-299).

Como já foi acenado anteriormente, o Filho de Deus instituiu o sacramento de seu Corpo e Sangue no desenrolar da ceia pascal judaica, é um detalhe também despercebido é o quarto e último cálice tomado ao final da refeição, chamado “cálice da consumação”, o qual não é tomado porque Jesus sai com seus apóstolos para o Getsêmani logo em seguida da recitação do *Hallel* (Mt 26, 30; Mc 14, 26). O cálice da consumação é “bebido” no dia seguinte, na cruz, quando cumpre a vontade de Deus Pai e se oferta livremente, entregando o espírito, conforme está escrito: “Está consumado” (Jo 19, 30). Nosso senhor é vítima e sacerdote perfeito, que realiza a obra da redenção dos homens:

Para expiar as ofensas contra um Deus que é bom, infinito e eterno, a humanidade precisava de um sacrifício perfeito: um sacrifício tão bom, puro e infinito quanto o próprio Deus. E esse era Jesus, o único que podia “abolir o pecado com seu próprio sacrifício” (Hb 9, 26). [...] Jesus era sacerdote além de vítima, e como sacerdote fazia o que nenhum outro sumo sacerdote fazia, pois o sacerdote entrava “todos os anos no santuário com sangue estranho” (Hb 9, 25) e, mesmo então, só ficava pouco tempo antes que sua indignidade o obrigasse a sair. Mas Jesus entrou no Santo dos Santos - o céu - de uma vez por todas, para oferecer-se como nosso sacrifício. Além disso, pela nova Páscoa de Jesus, nós também nos tornamos um reino de sacerdotes e a Igreja do primogênito [...]; e com ele entramos no santuário do céu toda vez que vamos à missa (HAHN, 2014, p. 38-39).

Sobre a relação entre a Páscoa do Êxodo e a de Jesus Cristo que instaurou a Nova Aliança, note-se:

A Páscoa é uma festa e um rito que nasceu como *memorial* da *passagem do Senhor* (cf. Ex 12 e Dt 16). Com efeito, só existe uma Páscoa, ainda que se fale de quatro momentos do acontecimento pascal: a Páscoa do Senhor no êxodo do Egito; a Páscoa litúrgica do Israel mediante o rito anual do cordeiro e dos ázimos; a Páscoa de Jesus ou sua imolação na cruz (cf. 1Cor 5, 7), e a Páscoa litúrgica da Igreja que atualiza a morte de Cristo na eucaristia (cf. 1Cor 11, 26), e que se celebra cada semana e incluindo diariamente, e na máxima solenidade anual (MARTÍN, 1996, p. 212-213)¹.

Do prisma da economia da salvação, há somente um acontecimento salvífico: a

¹ La Pascua es una fiesta y un rito que nació como *memorial* del *paso del Señor* (cf. Ex 12 y Dt 16) 10. En efecto, sólo existe una Pascua, aunque se hable de cuatro momentos del acontecimiento pascal: la Pascua del Señor en el éxodo de Egipto; la Pascua litúrgica de Israel mediante el rito anual del cordero y de los ázimos; la Pascua de Jesús o su inmolación en la cruz (cf. 1 Cor 5,7), y la Pascua litúrgica de la Iglesia que actualiza la muerte de Cristo en la eucaristía (cf. 1 Cor 11,26), y que se celebra cada semana e incluso a diario, y en la máxima solemnidad anual MARTÍN, 1996, p. 212-213).

passagem de Nosso Senhor para o Pai: o cordeiro pascal do êxodo era uma figura, uma sombra da oferta do Cordeiro de Deus no madeiro, e da Páscoa da Igreja que pelo sacramento torna presente a realidade salvífica operada por Cristo (MARTÍN, 1996, p. 213).

4 EUCARISTIA: A NOVA E ETERNA ALIANÇA

Os relatos da instituição da Eucaristia contidos no Novo Testamento provêm de duas tradições diferentes, cada qual com seus aspectos litúrgicos e redacionais próprios: a marcana (Mc 14, 22-25 e Mt 26, 26-29) e a paulina (Lc 22, 15-20 e 1Cor 11, 23-26) - e, embora o quarto evangelho canônico não apresente um relato direto da última ceia, é possível entrever alguns elementos apontados anteriormente e outras passagens que aludem ao sacrifício da Nova Aliança, como por exemplo o discurso sobre o Pão da Vida na sinagoga de Cafarnaum (Jo 6). Mesmo apresentando suas particularidades, os quatro relatos mencionam os conceitos fundamentais da instituição da Eucaristia como sacramento da Nova Aliança e formam um todo unitário para a Igreja interpretar e viver o mandato entregue por Jesus. Ao tomar o pão, dar graças e dizer “isto é o meu corpo que é dado por vós (Lc 22, 19), e tomar o cálice, bendizer a Deus e proferir “isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26, 28), ambos separados sobre a mesa, Cristo Senhor antecipa a sua morte violenta e o meio pelo qual realizaria a Nova e Eterna Aliança, cancelando as alianças do Antigo Testamento (sombra da nova), não mais para libertar de uma prisão ou escravidão, mas da escravidão do pecado (LÉON-DUFOUR, 1972, p. 313-317; NCBSJ, 2011, 78: 51).

São Paulo em 1Cor 11, 24-25 apresenta com riqueza de detalhes a instituição da Eucaristia e o mandato entregue ao Apóstolos: “fazei isto em memória de mim” e “todas as vezes que dele beberdes, fazei-o em memória de mim”. Ora, como já se afirmou anteriormente,

não se trata de um rememorar fatos passados somente, mas é tornado presente, real aquilo que se realiza de modo sacramental, o que é expressamente dito pelo Apóstolo: “Todas as vezes, pois, que comeis deste pão e bebeis deste cálice, anunciai a morte do Senhor até que ele venha” (1Cor 11, 26). E mais, além de fazer memória da entrega total na cruz, de tornar realizada na Missa a presença de Jesus Cristo, toda Igreja e também os fiéis são inseridos na dimensão escatológica, quer dizer, não diz respeito ao aqui e agora exclusive, mas a Eucaristia remete-os para a realidades futuras já participadas no tempo presente, enquanto e peregrina rumo a terra prometida, alimentados por esse pão espiritual (LÉON-DUFOUR, 1972, p. 317-318; SARTORE, 1992, p. 413-414).

Das considerações bíblicas já expostas no decorrer do texto, é mister analisar-se o aspecto doutrinal no tangente a Missa, a Eucaristia, haja visto que o Filho de Deus deixou aos Apóstolos e à Igreja, nascida de seu lado aberto na cruz, este tesouro de seu Corpo e Sangue para ser custodiado. Destarte, para compreender e adentrar no mistério da Missa enquanto atualização do único sacrifício de Cristo, é de importância capital entender um conceito fundamental da teologia litúrgica, já citado anteriormente: o sacramento. A definição mais elementar acerca do que é o sacramento é apresentada pelo Catecismo:

‘Sentado à direita do Pai’ e derramando o Espírito Santo em seu Corpo que é a Igreja, Cristo age agora pelos sacramentos, instituído por Ele para comunicar sua graça. Os sacramentos são sinais sensíveis (palavras e ações), acessíveis à nossa humanidade atual. Realizam eficazmente a graça que significam em virtude da ação de Cristo e pelo poder do Espírito Santo (CIC 1084).

Não se trata aqui de uma mera ação simbólica na qual são empregados elementos captados pelos sentidos humanos, mas é a realização do mistério pascal no presente (hoje) da Igreja. Todavia, é preciso explicitar

que os sacramentos não são rituais mágicos pelos quais os homens obtêm favores divinos, antes, pressupõem a fé, e por meio dos sinais sensíveis alimentam essa mesma fé, porque aquilo que se reza é aquilo que se crê (*lex orandi est lex credendi*). Claro que o dinamismo sacramental também implica uma relação entre Deus e o homem, pois são instituídos para glória de Deus e santificação do homem enquanto a Igreja peregrina, atualizando a salvação nesse período entre a ascensão de Cristo ao Pai e a sua vinda gloriosa na parusia (AUGÉ, 2013, p. 113.119-120; BOROBIO, 1990, p. 296-297; CIC 1085).

Visto de maneira breve o que é sacramento, pode-se retornar ao foco principal do artigo, ou seja, a relação entre o sacrifício de Jesus e a Missa. O Concílio Vaticano II em sua constituição conciliar sobre a sagrada liturgia **Sacrosanctum Concilium**, não somente lança as bases para uma reforma litúrgica, mas retoma e recorda a toda Igreja a importância e a centralidade da liturgia, sobremaneira a Eucaristia, enquanto celebração do Mistério Pascal de Cristo, ou seja, de sua paixão, morte e ressurreição. Neste sentido, o concílio reafirma a fé da Igreja acerca da ação de Jesus Cristo, sacerdote e vítima, dentro da sagrada liturgia:

Para realizar tão grande obra, Cristo está sempre presente na sua Igreja, especialmente nas ações litúrgicas. Está presente no sacrifício da Missa, quer na pessoa do ministro - «O que se oferece agora pelo ministério sacerdotal é o mesmo que se ofereceu na Cruz» - quer e sobretudo sob as espécies eucarísticas (SC 7).

O concílio reafirma aquela mesma fé recebida e professada ao longo do século pela Igreja, e mais, recorda a íntima relação existente entre o sacrifício da cruz, o sacrifício da Missa e o banquete eucarístico do qual os fiéis tomam parte para nutrirem sua alma aguardando a glória futura, e por esse motivo não hesita em afirmar a centralidade da liturgia na vida eclesial, de defini-la como meta para qual toda ação da Igreja se encaminha e fonte

de onde provém a sua força (IGMR 2; LG 11; SC 9.47)

Ainda em se tratando do memorial do sacrifício do Filho de Deus, a Igreja explicita a ação da Santíssima Trindade: oferta-se ao Pai os dons do pão e do vinho que, transubstanciados pelo poder Espírito Santo mediante as palavras de Cristo, se tornam o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor de modo real e misterioso. Disso decorre a tríplice consideração da Missa e da Eucaristia: ação de graças e louvor ao Pai; memorial da entrega redentora de Jesus; presença do Filho por meio da palavra e de seu Espírito (IGMR 2; CIC 1357-1358).

Primeiramente, é ação de graças ao Pai por toda obra da criação, por tudo que existe de bom, belo e justo, sendo ela apresentada junto da morte e ressurreição de Jesus; é também oferecido em reconhecimento por todos os benefícios concedidos à Igreja, pela criação, redenção e santificação; por fim, é o grande louvor da Igreja prestado a Deus Pai, em Jesus Cristo, pelo Espírito, no qual ela, sua Esposa, canta a glória de Deus presente na criação (CIC 1359-1361).

Em segundo lugar, é memorial do sacrifício de Cristo, pois a Igreja, ao celebrar a Missa rememora a sua Páscoa e esta se lhe torna presente, ou seja, o mesmo que ocorreu na cruz, ocorre durante a celebração da Eucaristia: “Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual «Cristo, nossa Páscoa, foi imolado» (1 Cor. 5,7), realiza-se também a obra da nossa redenção” (LG 3). O caráter sacrificial da Missa aparece justamente nas palavras da consagração do pão e do vinho, proferindo as mesmas palavras de Nosso Redentor: “Isto é o meu corpo que é dado por vós”, e “Este cálice é a Nova Aliança em meu sangue, que é derramado em favor de vós” (Lc 22, 19-20), “para a remissão dos pecados” (Mt 26, 28); donde toda Igreja colhe os frutos da redenção (CIC 1362-1366; LG 3; SC 7-8).

Em terceiro lugar, é por meio do Espírito Santo e das palavras de Cristo na consagração que é operada a transubstanciação, ou seja, a

conversão do pão e do vinho no Santíssimo Corpo e Sangue do Verbo Eterno. Ao tratar da relação entre o Espírito Santo e a Eucaristia, o então Papa Bento XVI, em sua exortação apostólica ***Sacramentum Caritatis*** diz o seguinte:

Neste horizonte, compreende-se a função decisiva que tem o Espírito Santo na celebração eucarística e, de modo particular, no que se refere à transubstanciação. É fácil de comprovar a consciência disto mesmo nos Padres da Igreja; nas suas Catequeses, São Cirilo de Jerusalém recorda que « invocamos Deus misericordioso para que envie o seu Santo Espírito sobre as oblações que apresentamos a fim de Ele transformar o pão em corpo de Cristo e o vinho em sangue de Cristo. O que o Espírito Santo toca, é santificado e transformado totalmente ». [...]É extremamente necessária, para a vida espiritual dos fiéis, uma consciência mais clara da riqueza da anáfora: esta, juntamente com as palavras pronunciadas por Cristo na Última Ceia, contém a epiclese, que é invocação ao Pai para que faça descer o dom do Espírito a fim de o pão e o vinho se tornarem o corpo e o sangue de Jesus Cristo, e para que « a comunidade inteira se torne cada vez mais corpo de Cristo ». O Espírito, invocado pelo celebrante sobre os dons do pão e do vinho colocados sobre o altar, é o mesmo que reúne os fiéis « num só corpo », tornando-os uma oferta espiritual agradável ao Pai (SCar 13).

Ao olhar para os escritos do magistério eclesiástico, é belo perceber o quanto a Igreja guarda o tesouro da santa Missa porque é o mesmo sacrifício que Cristo Jesus ofereceu ao Pai no Calvário, embora difira no modo como é oferecido, quer dizer, é incruento (sem derramamento de sangue). E também a Eucaristia é o banquete pascal, porque é o alimento espiritual, a comunhão do Corpo e Sangue de Jesus, pelo qual os fiéis têm a vida n’Ele: “Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós” (Jo 6, 53). É por meio da comunhão

que se estreita a união com o Redentor, separa-se do pecado, realiza a unidade da Igreja e compromete com os pobres (CIC 1367-1368.1382-1390).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorrido o caminho que se propôs realizar foi possível adentrar nos relatos pascais tanto do Antigo como do Novo Testamento e perceber a estreita relação existente entre o sacrifício do cordeiro pascal do Êxodo 12 e da entrega de Cristo na cruz, o Cordeiro de Deus, imaculado, sem defeito e que tira os pecados do mundo; não se trata somente de um comparativo, mas de uma sombra dentro da economia da salvação, ou seja, a imolação do cordeiro na noite da libertação do Egito é a prefiguração da Nova Aliança realizada por Jesus na Cruz, a qual liberta o homem da escravidão do pecado e da morte.

Dentro dessa perspectiva neotestamentária, o divino Redentor instituiu o memorial de sua entrega, dando o mandato aos seus Apóstolos para realizarem e atualizarem para toda Igreja. Esse memorial é celebrado a cada Eucaristia, a cada Missa oferecida ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo, e cada fiel é chamado a tomar parte do banquete pascal, alimentando-se espiritualmente do Corpo e Sangue do Senhor, presença real e substancial, não somente para si, mas para formar a Igreja, assembleia santa que é oferta ao Pai junto a renovação do Mistério Pascal de Nosso Senhor.

REFERÊNCIAS

sagrada Escritura

BÍBLIA COMENTADA. Salamanca: Biblioteca de Autores Cristãos, 1952.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulinas, 1985.

Documentos do Magistério

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

Constituição conciliar SACROANCTUM CONCILIUM (SC). In. Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965). org. Lourenço Costa. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.

Constituição dogmática LUMEN GENTIUM (LG). In. Documentos do Concílio Vaticano II (1962-1965). org. Lourenço Costa. Trad. Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.

BENTO XVI. **Exortação apostólica SACRAMENTUM CARITATIS (SCar).** Disponível em: <https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html#O_Esp%C3%ADrito_Santo_e_a_Eucaristia_>. Acesso em 13 de junho de 2020.

INSTRUÇÃO GERAL DO MISSAL ROMANO. Disponível em: <http://www.liturgia.pt/edrel/pdf/IGMR_Sinopse.pdf>. Acesso em 13 de junho de 2020.

Livros

AQUINO, Tomás. **Suma Teológica.** Trad. Alexandre Corrêa. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Livraria Sulina Editora; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1980.

AUGÉ, Matias. **LITURGIA: história, celebração, teologia, espiritualidade.** Trad. Comercindo B. Dalla Costa. 4 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.

HAHN, Scott. **O BANQUETE DO CORDEIRO. A missa segundo um convertido.** Lorena: Cléofas; São Paulo: Loyola, 2014.

JUNGMANN, J. A. **Missarum Sollemnia: origens, liturgia, história e teologia da missa romana.** Tradução de Monika Ottermann. 5 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

LÉON-DUFOUR, Xavier; DUPLACY, Jean; et al. **VOCABULÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA.** Petrópolis: Vozes, 1972.

RAVASI, Gianfranco. **Êxodo.** São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

RIGHETTI, Mario. **Historia de la Liturgia II.** Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1956.

SÃO JERÔNIMO. **NOVO COMENTÁRIO BÍBLICO SÃO JÊRONIMO (NCBSJ): Novo Testamento e artigos sistemáticos.** Editores: Raymond E. Brown, Joseph A. Fitzmyer e Roland E. Murphy. Trad. Celso Eronides Fernandes. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2011.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Achille (orgs.). **DICIONÁRIO DE LITURGIA.** São Paulo: Paulus, 1992.

SPREAFICO, Ambrogio. **GUÍA ESPIRITUAL DEL ANTIGUO TESTAMENTO. El libro de Êxodo.** Barcelona: HERDER; Madrid: Ciudad Nueva, 1995.

VAN DEN BORN, A. **DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA.** Petrópolis: Vozes, 1971.

WESTERMANN, Claus. **Teologia do Antigo Testamento.** Trad. Frederico Dattler. São Paulo: Paulinas, 1987.